de um aluno pode ajudá-lo a aprender mais e melhor., motivar um aluno, como também fazê-lo perder o interesse, a vontade de olhar para o futuro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, LBP. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da

Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. (Volumes 1, 2, 3).

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil. São Paulo; Peirópolis, 2003.

_____, Teca Alencar de. Koellreutter educador – o humano como objetivo da educação musical. São Paulo, Peirópolis, 2001.

ILARI, Beatriz / BROOCK, Angelita (orgs). Música e educação infantil. Campinas, SP; Papirus, 2013.

NÉRICI, Imídeo G. Lar, escola e educação. São Paulo: Atlas, 1972.

POLLARD, Michael. Maria Montessori. Rio de Janeiro, Globo, 1993.

ARTEN, Alessandro de Oliveira; ZANCHETA, Sérgio Luiz; LOURO, Viviane dos Santos. Arte e Inclusão Educacional. São Paulo: Didática Brasil, 2007.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA E OS DESAFIOS DO RETORNO PRESENCIAL

PAULA APARECIDA ROSSI

RESUMO:

As mudanças pelas quais a sociedade brasileira passou nas últimas décadas, bem como os demais países durante a Pandemia que se iniciou no final de 2019 e perdura até os dias de hoje, influenciaram não só a educação como um todo, mas, também no contexto da Educação Infantil fazendo com que o magistério questione seu papel como inclusiva na sociedade do conhecimento. A Educação Básica se encontra atualmente em um cenário turbulento no que diz respeito à educação, uma vez que os conteúdos e aulas vêm buscando alternativas para desenvolver atividades remotamente e presencialmente. Assim, este artigo buscou situar o contexto educacional no cenário atual que o mundo atravessa em tempos de pandemia, abrangendo a visão da infância, as relações entre escola e a criança bem como os desafios relacionados ao retorno presencial. A discussão sobre o assunto foi baseada em revisão da literatura sobre o assunto. Os resultados encontrados mostraram que é preciso pensar na recuperação das aprendizagens a fim de diminuir e se possível eliminar possíveis lacunas do período remoto.

Palavras – chave: Educação Infantil; Ensino Presencial; Pandemia.

ABSTRACT

The changes that Brazilian society has gone through in recent decades, as well as other countries during the Pandemic that began at the end of 2019 and continues to this day, have influenced not only education as a whole, but also in the context of Early Childhood Education making the teaching profession question its role as inclusive in the knowledge society. Basic Education is currently in a turbulent scenario with regard to education, since the contents and classes have been looking for alternatives to develop activities remotely and in person. Thus, this article sought to situate the educational context in the current scenario that the world is going through in times of pandemic, covering the vision of childhood, the relationships between school and the child as well as the challenges related to face-to-face return. The discussion on the subject was based on a review of the literature on the subject. The results found showed that it is necessary to think about the recovery of learning in order to reduce and, if possible, eliminate possible gaps from the remote period.

Keywords: Early Childhood Education; On-site Teaching; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Durante séculos não houve instituições dedicadas as crianças. Nas sociedades europeias, durante a Idade Média, predominava a infância limitada a um período relativamente curto e frágil, em que as crianças eram vistas e tratadas como miniadultos e não havia nenhuma instituição exclusiva que cuidasse deles.

As diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil e as propostas pedagógicas existentes devem considerar princípios estéticos, abordando diferentes manifestações artísticas, cognitivas e culturais levando em conta a heterogeneidade cultural, étnica, religiosa e social da vida do aluno e também da comunidade em que a criança está inserido.

A Educação Infantil proporciona uma linguagem que organiza o pensamento cognitivo e organiza os signos a serem desenvolvidos no espaço e no tempo, trazendo a possibilidade de trazer à criança uma reflexão sobre o mundo.

As mudanças pelas quais a sociedade brasileira passou nas últimas décadas, e em especial durante a pandemia desde o começo de 2020, afetaram não só a educação como um todo, mas também o contexto da Educação Infantil, fazendo com que o ensino desafie seu papel como sociedade do conhecimento (GRANDISOLI, 2020).

A Educação Básica está atualmente em um cenário turbulento no que diz respeito à educação, pois os conteúdos e as aulas buscam alternativas para desenvolver atividades remotas para os estudantes com comorbidades e o retorno presencial ao mesmo tempo.

Assim, justifica-se o presente artigo a partir da evolução com relação a visão de infância e de escolaridade, já que ocorreram mudanças consideráveis no que diz respeito à concepção de infância e a educação nos dias atuais. Desta forma:

Com efeito, a escola está associada à construção social da infância, dado que, (sic) a sua constituição pelo Estado de meados do século XVIII institui, pela primeira vez, a libertação das atividades do trabalho produtivo para um sector do grupo geracional mais novo (inicialmente constituído só por rapazes da classe média urbana), sendo progressivamente alargado a toda a geração, com a proclamação da escolaridade obrigatória (SARMENTO, 2003, p. 3-4).

Portanto, é fundamental garantir o ensino presencial nesta fase escolar, ajudando as crianças a compreender e construir seu cotidiano e parte de seu mundo a partir de diferentes linguagens. Por isso, o presente artigo discute as implicações da Educação Infantil no desenvolvimento de crianças de creche e pré-escolar, abordando inicialmente uma discussão histórica das concepções de infância.

Os resultados indicaram que o ensino presencial nesta fase é de fundamental importância para seu desenvolvimento sociocognitivo, pois estamos em tempos de ensino a distância devido à pandemia.

DESENVOLVIMENTO

O DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA: BREVE HISTÓRICO

Discutir a infância nem sempre é fácil. No entanto, para se ter uma noção global do que acontece nessa fase, é preciso voltar à infância do ponto de vista histórico, pois a infância em si não existia já que:

A ideia de infância é uma ideia moderna. Remetidas para o limbo das existências meramente potenciais, durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. [...] Daí que, paradoxalmente, apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância (SARMENTO, 2003, p. 3).

Segundo Ariès (1979), nas sociedades europeias, durante o período medieval, o que prevalecia era uma infância limitada por um período relativamente curto e frágil, em que as crianças eram vistas e tratadas como jovens adultos. Eles eram obrigados a realizar as tarefas como tal e permaneciam nos mesmos locais que os adultos, sem nenhuma instituição exclusivamente para seus cuidados.

Como problema, temos o sentimento predominante de indiferença, pois a infância foi um período frágil e a possibilidade de perder filhos era muito alta. Era comum não ver pais ou principalmente mães lamentando a morte de um filho, primeiro porque as famílias eram geralmente muito grandes e depois porque a infância não exigia sentimentos paternos.

Essa situação começou a mudar apenas a partir do século XVIII, quando finalmente foi possível reduzir a mortalidade infantil, e o sentimento em relação à infância começou a se desenvolver, principalmente por parte dos familiares e da sociedade (ARIÈS, 1979).

Os termos criança e infância não são considerados sinônimos: a história da infância não é exatamente uma história das crianças, mas das representações que fazemos delas, pois temos poucas evidências de como elas viveram, como foram tratadas [...] (BUCKINGHAM apud SACRISTAN, 2005, p. 26).

A partir do momento em que as instituições escolares surgiram, elas se tornaram, segundo Narodowski (2001), instituições específicas para a educação de adultos. Nesse momento de reconhecimento da infância e de sua institucionalização, surgiu a ideia da incompletude das crianças, oriunda de Platão. Essa visão platônica da infância via as crianças como o futuro da nação e, portanto, deveriam ser educadas.

Uma criança nascida nessa perspectiva é vista como suas necessidades, sua ausência, que deve ser superada, portanto, pela maturidade que ela se torna de acordo com sua faixa etária e com a educação que lhe é dada. Com essa fragilidade física e moral, a criança precisa ser organizada e treinada para poder viver socialmente. O adulto, neste caso, é aquele que ora lhe dá liberdade, ora o reprime, equilibra e controla as ações da criança (BOTO, 2002).

Assim nasceu o conceito de disciplina centrada na infância. As instituições educacionais começaram a surgir nessa fase com o intuito de controlar e direcionar a infância, encarando a criança como um ser incompleto e inexperiente. A socialização pelas instituições também começou a surgir como neces-

sidades e deveres de aprendizagem, trazendo consigo uma padronização do ambiente escolar, como a disciplina mental e corporal (FOUCAULT apud SARMENTO, 2003, p. 4).

Ao longo do tempo, houve a necessidade de criar e repensar novos conceitos educacionais. O conceito de criança e infância que deu origem às instituições escolares também deve ser repensado, para que possa emergir outro retrato da infância, direcionando outros pontos de vista, pois: se a escola da criança pequena precisa ser preparatória e dar continuidade ao ensino fundamental, escola, então nós, como educadores, já presos por uma forma que acaba sendo uma repressão (MALAGUZZI, 1999, p. 101).

Ou seja:

A essas alturas, não é nada original o que podemos dizer do aluno, mas consideramos que um discurso que o enfoque e o situe no centro da cena pode ajudar a combinarmos as peças e observarmos, em um quebra-cabeça mais significativo, como é o arquétipo que o representa ou, melhor dizendo, como nós o representamos (grifo nosso). Nas salas de aula repletas, encontramos seres reais com um status (grifo do autor) em processo de mudança, que estão enraizados em contextos concretos, que têm suas próprias aspirações e que, em muitos casos, não se acomodam à ideia que os adultos haviam feito deles (SACRISTÁN, 2005, p. 16-17).

Apesar disso, retroceder à infância em termos da inferioridade com que se tratou há algum tempo em relação à idade adulta, da incapacidade que lhe é atribuída, da pretensão dos adultos quererem controlá-la, definindo os caminhos que as crianças devem seguir, não é mais admissível.

A ideia de que a infância não pode ser associada às crianças não pressupõe uma temporalidade linear. A infância funciona como um símbolo de afirmação, um espaço de liberdade, apresentando uma metáfora da criação do pensamento, ligada a uma imagem de ruptura, descontinuidade, no sentido de desobediência (CARVALHO et al, 2015).

Portanto, diante do exposto, é necessário reconfigurar as práticas escolares e repensar a visão de criança que todos nós temos:

Quem é a criança na qual a prática é centrada? [...] não existe algo como 'a criança' ou 'a infância', um ser e um estado essencial esperando para ser descoberto, definido e entendido, de forma que possamos dizer a nós mesmos e aos outros 'o que as crianças são e o que a infância é'. Em vez disso, há muitas crianças e muitas infâncias, cada uma construída por nossos 'entendimentos da infância e do que as crianças são e devem ser' (DALHBERG, 2003, p. 63).

Por fim, quando a percepção das crianças e da infância muda, e começa-se a compreendê-las, é possível abrir novas possibilidades para modificar também a forma como se trabalha com elas. O pluralismo infantil deve despertar a visão educacional sobre o que as crianças realmente se importam, começar a ouvir, ver e considerar, a fim de enriquecer sua prática educativa.

Consequentemente, a prática deixa de ser centrada no adulto e suas expectativas, o que abre caminho para que as crianças se tornem protagonistas em seus próprios processos de ensino e aprendizagem.

RETORNO PRESENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nos últimos anos, um grande desafio na educação infantil tem sido organizar ferramentas que possam dar suporte educacional às famílias e crianças na fase de distanciamento social necessário ao isolamento. O diálogo em sua essência deve funcionar como um espaço alegre e criativo, e se distanciar dos passos estreitos do mundo. Porque na modernidade essa inter-relação esteve intimamente relacionada ao trabalho de professores e alunos (SILVA, 2014).

Durante a mentoria por meio do ensino a distância, os participantes estão cientes da falta de praticidade estrutural. O sistema faz com que a própria sociedade questione seu desempenho, a melhoria do processo cognitivo e a influência das crianças e, ao mesmo tempo, exige que os professores reformulem para oferecer um método de universalidade que satisfaça os problemas de aprendizagem dos alunos.

O Ministério da Educação (MEC) havia prorrogado a autorização para essa modalidade de ensino até 31 de dezembro de 2020 e acordado excepcionalmente, em termos de disciplinas presenciais, em trajetórias regularmente autorizadas, utilizando arquivos educacionais digitais, tecnologias do conhecimento e comunicação ou mídia convencional (BRASIL, 2020).

Com a continuação da Pandemia no ano de 2021 e consequentemente agora em 2022, a solução até quase o final do ano passado foi a de trabalhar com as crianças no ensino híbrido, uma mescla entre ensino presencial e a distância.

Desde então, os professores têm experimentado esse novo mecanismo de ensino filmando vídeo aulas e enviando atividades por meio da execução do currículo, determinado pelas unidades didáticas e selecionado com base nos temas representativos de cada instituição.

Em todo o mundo, a adesão às normas de Educação a Distância que funcionam em formato virtual, como questões de horários escolares, reuniões e métodos virtuais, baseiam-se na atual situação de calamidade, elucidada neste campo (BRASIL, 2020).

Além de enfrentar as repercussões da

epidemia, a tecnologia e suas possibilidades e, por vezes, os problemas causados pela escassez, há também importantes fatores próximos ao ambiente familiar, o que permite mensurar o estado do estudo domiciliar e as dificuldades de muitos para se adaptarem.

No Brasil, o Plano Nacional de Educação e a Lei Nacional de Diretrizes e Fundações da Educação (LDBEN) já previam a extensão dessa modalidade de ensino por períodos de emergência.

Neste momento, a Educação precisa continuar se adaptando aos recentes métodos didáticos legitimados no uso de dispositivos e Tecnologias de Educação e Comunicação Digital (TDIC), a realização de atividades não presenciais tem se revelado como uma provável forma de minimizar os danos decorrentes do isolamento social (RIBEIRO e CLIMACO, 2020).

Em relação à Educação Infantil, a possibilidade às vezes se agrava, pois muitas redes não conseguiram atingir todas as crianças na educação a distância. Os professores disponibilizaram as aulas por meio de grupos de whatsapp ou outras plataformas, enviando jogos e atividades na tentativa de melhor atender as mesmas

A demanda é muito limitada e a base é visível e sensível, ou seja, é preciso rever se essa modalidade de ensino está realmente atingindo a todos, pois, infelizmente, as desigualdades sociais no Brasil são muito intensas, fazendo com que crianças que não tinham computadores e internet ficassem de fora da educação (GRANDISOLI, 2020).

No ano de 2021, com base nas diretrizes e decretos estabelecidos pelos governos brasileiros, foi possível retornar às aulas presenciais com base no rodízio de alunos nas salas de aula e monitoramento remoto para quem optou por isso tipo de ensino, devido à continuação da pandemia:

Além das grandes perdas do processo de aprendizagem formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com os pares, em que ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano. tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades.

(LINHARES e ENUMO, 2020, p. 4).

Esse retorno pode ser entendido como essencial a partir do ponto em que na Educação Infantil esse contato e o desenvolvimento de prioridades curriculares são fundamentais, assim como o resgate da aprendizagem.

Embora existam inúmeros professores que ensinaram online, apesar dos muitos esforços, é necessário repensar essa abordagem, pois nessa faixa etária a criança não tem autonomia suficiente para acompanhar sozinha, por exemplo, e ainda pensar em quem vem de uma família de baixa renda, o que pode limitar o acesso ao ensino a distância (CUNHA, 2020).

Pelo que foi observado nesses dois últimos anos, as práticas se mostraram muito importantes em relação ao que é a Educação Infantil, uma vez que estão na escola, sua visão de mundo e o contato com pessoas diferentes tendem a ampliar seu repertório cultural.

A escola deve dar continuidade ao trabalho iniciado em casa, ampliando o contato com a aprendizagem e a autonomia, proporcionando oportunidades de aprendizagem mesmo para aquelas crianças que não tiveram acesso ao ensino remoto em casa durante a pandemia (CUNHA, 2020).

Assim, os professores devem utilizar estas estratégias metodológicas, a partir das relações sociais expandidas, levando as crianças a descobrirem coisas novas diante de uma realidade diferente da sua e fazendo com que elas possam compreender o mundo que as cerca através de estímulos, desenvolvendo-as integralmente.

PRÁTICAS QUE AUXILIAM NO RETORNO

Sobre a prática pedagógica dos professores é preciso se preocupar com a adoção de um currículo orientado pela Educação Integral, capaz de formar crianças autônomas, responsáveis e colaborativas, com atividades permeadas de significado e rompendo com divisões arbitrárias de tempo, espaços e materiais. Ainda, as concepções encontram-se presentes nos diferentes documentos norteadores da Educação Infantil (KIRCHNER, 2020).

O professor desta etapa escolar deve se mostrar bastante flexível quanto às práticas, adotando uma diversidade metodológica, dentre elas os ideais da Escola Nova, priorizando o protagonismo infantil e permitindo a construção do próprio conhecimento. Os recursos utilizados foram os mais variados possíveis, com acesso na escola e que remetem ao dia a dia das crianças.

A relação entre professor e educando deve ser muito boa, principalmente em se tratando do respeito entre ambos. Ainda, quanto ao processo de avaliação nesse período de pandemia, pensando na recuperação das aprendizagens, a mesma deve ocorrer através do acompanhamento, observação e relatório do percurso individual (SILVA, 2020).

Assim, no caso da Educação Infantil deve haver momentos significativos de vivências e interações. Pode-se citar de forma detalhada algumas atividades que podem contribuir para esse retorno presencial. As vivências são inúmeras e uma das que mais envolvem as

crianças são as rodas de leitura ou de cantigas.

As crianças costumam gostar de cantar e dançar, são adeptos aos movimentos corporais, participando e contribuindo para escolher as atividades, possibilitando a construção do próprio conhecimento e respeitando suas opiniões o que auxilia reconhecimento de palavras e do vocabulário.

Quanto ao desenvolvimento da autonomia na primeira infância, o cuidado consigo e com seus pertences, é algo que o grupo deve desenvolver. Eles se tornam capazes de se trocar, reconhecer e guardar seus pertences, ir ao banheiro e beber água sozinhos, se alimentarem sem auxílio dos adultos e criar autonomia para tomar suas próprias decisões (KIRCHNER, 2020).

Ainda, pode-se trabalhar a alimentação e o meio ambiente através de projetos como a Horta, desde a preparação da terra, a escolha das sementes e mudas, a rega, o acompanhamento do crescimento e a colheita, sendo possível degustar.

Também pode-se trabalhar a Cultura Africana, com o propósito de ensinar o respeito a natureza, a terra e a culturas diferentes. Para isso, podem ser utilizadas canções, pinturas, filmes, livros, jogos e histórias, desenvolvendo o gosto por uma nova cultura.

Por fim, outra atividade a ser destacada envolvendo a culinária, ajuda as crianças a desenvolver habilidades e apreciar a arte das receitas, a contagem de ingredientes, a participação no preparo de seus próprios alimentos e a utilização de utensílios domésticos.

Essas e outras práticas se mostram muito importantes na Educação Infantil, uma vez que a criança matriculada na escola, a sua visão de mundo e o contato com diferentes pessoas tende a aumentar seu repertório cultural.

Assim, pode-se buscar por uma linha pedagógica que vise o desenvolvimento integral da criança, escolhendo atividades fundamentadas que priorizem as brincadeiras, os movimentos corporais, as músicas e historias, sempre com o olhar atento do professor quanto a organização dos ambientes.

Além disso, é preciso que a escola oferece formação continuada, ainda mais com tantas exigências educacionais devido a pandemia, contribuindo para a troca de experiências que envolvem o dia a dia e onde os professores podem participar de momentos de discussão e reflexão sobre as práticas, a partir das articulações desenvolvidas pelo coordenador, contribuindo para a prática docente e para a melhoria do processo educacional (KIRCHNER, 2020).

O papel das brincadeiras neste processo devem envolver escolhas que auxiliem o desenvolvimento da criança, ampliando seus conhecimentos de mundo e socializando-a com as demais, contribuindo para a memória, a linguagem, a percepção, a criatividade e as diferentes competências e habilidades necessárias para desenvolver as estruturas psicológicas e cognitivas das mesmas.

Quanto ao papel dos jogos no desenvolvimento cognitivo das crianças, pode-se citar que:

Os jogos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do próprio pensamento da criança. É por meio dele que a criança aprende a operar o significado das coisas sendo um passo importante para o pensar um conceito baseado no significado das coisas e não nos objetos. A criança não converte o significado de uma hora em outra (VYGOTSKY, 1994, p. 54).

O objetivo do retorno presencial dentre outras questões está relacionado as vivências fora do contexto escolar trazendo a aplicabilidade do conceito de docência, observando-se a organização, a orientação pedagógica; e realizando o plano anual e de aula, a recuperação das aprendizagens, a sondagem, o diário de classe, dentre outras ações pedagógicas, participando ativamente a fim de promover uma cultura escolar baseada na autonomia, na resolução de problemas e no encaminhamento adequado dos mesmos, pensando no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

Lembrando que a situação atual da pandemia não representa um evento passado com características semelhantes, considerando não apenas a questão de ser um evento de estresse prolongado, mas também muito limitado pela escala de distanciamento social e pela ruptura dos mecanismos de proteção ampliada do indivíduo. Nesse sentido, ainda é difícil avaliar especificamente os efeitos psicológicos no desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso particular das crianças e sua relação com a Internet, em um contexto geral, quando a orientação é boa e acompanhada por um adulto, pode influenciar positivamente para que a criança se desenvolva e aprenda, inclusive em relação à alfabetização digital, porém, em relação até o momento atual, surge a dúvida de como garantir a educação dos alunos em tempos de pandemia.

Pensando na criança, ela se desenvolve brincando, mas adquire conhecimentos para sua realidade. Ou seja, o jogo deve estar presente em todas as fases da vida, para que o encanto do mundo ao seu redor não se perca. E a Educação Infantil é a melhor fase para que isso aconteça.

Embora existam inúmeros professores que ensinam online, apesar dos muitos esforços, é necessário repensar essa abordagem, pois nessa faixa etária a criança não tem autonomia suficiente para acompanhar sozinha, por exemplo, e ainda pensa em quem vem de

uma famílias de baixa renda, o que pode limitar o acesso ao ensino a distância.

No entanto, há outro ponto em que a educação online, que parece estar intimamente relacionada à inclusão, excluiu em vez de incluir. Quantas crianças que não estavam na escola e não tinham recursos. Portanto, os profissionais devem trabalhar duro para garantir que essas crianças sejam atraídas ao máximo, a fim de recuperar as aprendizagens, para preencher essas lacunas.

Nessa perspectiva, entende-se que esse modelo está fundamentalmente relacionado à única forma de reduzir os danos potenciais à educação, pois é a solução mais consistente que o sistema encontra. Espera-se que os profissionais e a sociedade se adaptem às novas abordagens durante a pandemia, lembrando que o ideal na Educação Infantil é o contato com a criança.

Assim, o professor deve estar sempre em consonância com a situação real das crianças para facilitar a formulação e o planejamento de seus objetivos, e se esforçar para enfatizar o jogo como uma importante ferramenta social e instrumento de promoção do ensino. Atitude satisfeita, agradável e de qualidade, descartando a ideia de um simples hobby.

Brincar como objeto da Educação Infantil e observar a contribuição para o desenvolvimento intelectual e físico das crianças tendo como foco principal o desenvolvimento cognitivo e outras habilidades. O brincar está muitas vezes relacionado à desordem, por isso, é muito importante organizar as atividades dentro da escola.

Os professores devem buscar conhecimento e ferramentas para promover situações de aprendizagem para crianças por meio de atividades significativas e envolventes para cultivar a alegria de aprender.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. História Social da Infância e da Família. Rio de Janeiro: LCT, 1979.

BOTO, C. Desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In: FREITAS, M. C; KUHLMANN, M. (Orgs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, p. 11-60, 2002.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 6 de 2020. Disponível em: . Acesso em: 02 fev. 2022.

CARVALHO, D.M.; ARAÚJO, S.C.F.; PINHEIRO, F.V.R.; DIAS, L.S. Educação Infantil:

desafios e perspectivas. Paraná: PUCPR, 2015. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18440_9156.pdf. Acesso em: 06 fev. 2022.

CUNHA, P.A. A pandemia e os impactos irreversíveis na educação. 2020. Disponivel em: https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/. Acesso em: 06 fev. 2022.

DAHLBERG, G. Qualidade na Educação da Primeira Infância: Perspectivas

PósModernas. In: DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GRANDISOLI, E. Educação e pandemia: desafios e perspectivas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/educacao-epandemiadesafios-e-perspectivas/. Acesso em: 06 fev. 2022.

KIRCHNER, E.A. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

LINHARES, M.B.; ENUMO, S.R.F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/; ACESSO EM: 08 FEV. 2022.

MALAGUZZI, L. Histórias, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NARODOWSKI, M. Infância e Poder: a conformação da Pedagogia Moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

RIBEIRO, M.P.; CLÍMACO, F.C. Impactos da Pandemia n a Educação Infantil: a pandemia acelerou a necessidade de se problematizar a questão digital na educação infantil? Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 13, n. 1 (1 sem. 2020).

SACRISTÁN, J.G. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In:

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (Org.). Crianças e Miúdos. Perspectivas

SócioPedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2003. Disponível em: . Acesso em: 04 fev. 2022.

SILVA, N.Z. A importância do Lúdico na Educação Infantil. UTFPR. Medianeira. PR. 2014.

SILVA, R.J.B. Reflexões acerca do trabalho home office ocasionado pela pandemia do Covid-19. Rev. Humanidades & Tecnologia (FINOM) - ISSN: 1809-1628. vol. 25- jul/set. 2020.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1994.